

Roteiro de Atividades

Crônica

9º Ano | 2º Bimestre | 1º Ciclo

Apresentação

Retomamos neste bimestre nossas atividades, tendo como referência a crônica. Como vocês poderão analisar, trata-se de gênero que apresenta características tais, que pode apresentar-se como texto narrativo – o mais comum –, ou mesmo como texto argumentativo, dependendo da intenção do autor. Isso só agregará ao trabalho a ser realizado em sala de aula, por conta dessas variações de forma.

Uma vez que se trata de gênero de grande circulação, é mais que provável que a maior parte dos alunos já tenha entrado em contato com um de seus formatos. Encontramos crônicas diariamente em diversos jornais, e autores famosos como Veríssimo, Zuenir Ventura, dentre outros, fazem parte desses canais, o que se torna um facilitador do acesso a esse gênero.

É importante lembrar também que a crônica é um gênero textual que apresenta grande alcance com os alunos, dado que seu foco são as ações cotidianas, o que torna o universo das personagens – e das discussões envolvidas, presentes em textos mais argumentativos – muito próximo dos estudantes. É importante, assim, que se aproveite o conhecimento de mundo do aluno a todo momento, com o objetivo de que as diferentes habilidades de maneira mais eficaz.

Sendo assim, esperamos, mais uma vez, que nossas sugestões de trabalho possam vir a ser de grande auxílio a sua prática em sala de aula. Consideramos que a eficácia do processo reside não no modelo que ora apresentamos, mas na forma com que ele pode ser trabalhado em situações concretas de aula.

Texto Gerador 1

O Texto Gerador I é uma crônica que apresenta uma situação cotidiana sob o ponto de vista particular do escritor Zuenir Ventura. Apresenta-se no texto uma perspectiva bem humorada sobre o envelhecimento e o reconhecimento dessa situação humana: como aceitá-la? A partir dessa leitura, são apresentadas questões do eixo de Leitura e Uso da Língua.



Um idoso na fila do Detran

“O senhor aqui é idoso”, gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal “senhor”. Como ninguém protestasse, o policial abriu caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

O jornal tem recebido muitas cartas elogiando e outras criticando aquele departamento de tão má reputação. Afinal, melhorou ou não o serviço? Cheguei a pensar em sugerir à editoria de Cidade que mandasse fazer uma daquelas matérias em que o repórter desse o seu testemunho. Simularia tirar uma carteira e assim desfaria as dúvidas.

Agora, ali, no posto da Gávea, esperando a minha vez, eu me sentia fazendo as funções desse repórter, e tudo começava bem. A operação toda não demorou nem meia hora e eu já ia aplaudir o atendimento, quando, ao lado da boa notícia - aprovação no exame de vista - me deram uma má: teria que ir à Avenida Presidente Vargas para pegar a carteira.

Foi assim que acabei assistindo àquela confusão de que falei no início. Aliás, não só assisti como dela participei: o “idoso” que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos “enta”; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na “terceira idade”. Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de “idoso”, ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: “idoso é o senhor seu pai”. O que mais irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem

lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem pediu pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos? Será que era tão evidente assim?

Como além de idoso eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: “esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!” Mas que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima - do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: “Isso é uma sacanagem comigo”, me disse, “eu não mereço”. Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: “Mas ninguém lhe dá isso”. Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira, era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran nem isso, nenhuma alma caridosa para me “dar” um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: “Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas”. Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: “o senhor não tem mais de 65 anos, não é idoso?”

– Não, sou gestante - tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: “não tenho mais, tenho só 65 anos”.

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. “Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15”, já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória – e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade – me lembro que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de idéias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Ziraldo, Dines, Gullar, Francis, Evandro

Carlos, Milton Coelho, Janio de Freitas (Lemos, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou outro – de ano, meses ou dias – e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? “No Detran”, diz uma voz. Ah, sim. “E o atendimento?” Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas, mesmo sem entrar em fila, passa-se um dia para renovar a carteira.

Por via das dúvidas, acho melhor o jornal mandar um repórter não-idoso fazer a matéria.

(Crônica de Zuenir Ventura publicada no Jornal do Brasil, 7/9/96.)

”



Atividade de leitura

Questão 1:

Habilidade trabalhada

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

Em uma crônica apresentam-se fatos e acontecimentos atuais narrados sob o ponto de vista de quem escreve. Trata-se de um gênero que circula por meio de jornais, livros, revistas e, até mesmo, blogs na internet. É, portanto, um gênero acessível e presente no nosso dia a dia, daí sua importância na literatura nacional.

Há crônicas com vários enfoques e feitas com diferentes propósitos. Sobre a “fórmula” deste gênero textual, o estudioso Antônio Candido, por exemplo, ensina que em sua construção explora-se “um fato miúdo” com “um toque humorístico”.¹

Sendo assim, a partir das informações fornecidas, responda:

- A. É possível se afirmar que o Texto Gerador I é um texto contemporâneo? Justifique sua resposta, indicando que elementos do texto comprovam ou não essa afirmação.
- B. Com base no que afirma o estudioso Antônio Cândido, o que se poderia considerar como “fato miúdo” no texto de Zuenir Ventura?

Resposta Comentada

Ao responder ao item *a*, o aluno facilmente assinalará que a crônica, por narrar fatos e acontecimentos do dia a dia, mostra-se como um gênero de temática contemporânea. É interessante, ao longo da questão, estimular o aluno a justificar as motivações textuais que o levaram a esta resposta. Assim, a partir do texto, pode-se comentar sobre ações afirmativas, como os direitos adquiridos a partir do Estatuto do Idoso, que, dentre outras coisas, garante prioridade em filas de banco a pessoas acima de 65 anos. Além disso, pode-se estender a discussão sobre o direito de gestantes, pessoas portadoras de deficiência física e pessoas com crianças de colo, que também têm prioridade nessas filas, como algo que faz parte do dia a dia.

Dando continuidade à correção, já com base na informação de que a crônica volta-se sobre cotidiano de modo a possibilitar que fatos e acontecimentos pequenos, banais e corriqueiros do dia a dia ganhem uma dimensão crítica e reflexiva, o aluno identificará como o “fato miúdo” do item *b*, o episódio acontecido na fila do DETRAN (Departamento Trânsito) em que se mostra o constrangimento e susto do narrador-personagem ao ser tratado ou considerado um idoso. É interessante ressaltar para a turma que fatos e acontecimentos que normalmente passariam despercebidos ganham uma nova dimensão ao serem abordados a partir desse gênero textual.

¹ CANDIDO, A. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas/Rio de Janeiro: EDUNICAMP/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

Questão 2:

Habilidade trabalhada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito

Há vários tipos de crônica. O Texto Gerador I, por exemplo, é uma crônica narrativa. Nesta, narra-se um fato do cotidiano que se passa num curto espaço de tempo e é recheado de pequenos acontecimentos que marcam seu humor. Suas personagens não têm descrição psicológica profunda e nem nome, pois são apresentadas por uma ou duas características centrais, suficientes para compor traços genéricos, com os quais uma pessoa comum pode se identificar.

Leia atentamente o Texto Gerador I e, baseando-se nas informações dadas, responda:

- A. Qual é o foco narrativo (1º pessoa ou 3º pessoa) em que a história é apresentada? Justifique.
- B. Em que espaço os fatos ocorrem?
- C. Em quanto tempo aproximadamente a história acontece?
- D. Quem é a personagem central da crônica? Como ela pode ser caracterizada?
- E. Qual é o conflito da história?

Resposta Comentada

Respondendo à letra *a*, a crônica, na maioria dos casos, é um texto narrado em primeira pessoa, ou seja, o próprio escritor está “dialogando” com o leitor. Como justificativa, o aluno deverá apontar alguns dos verbos e pronomes em primeira pessoa que o texto apresenta como, por exemplo: “**Simularia** tirar uma carteira e assim **desfaria** as dúvidas.”; “esperando a **minha** vez, **eu me** sentia fazendo as funções desse repórter”; “Até hoje não **me refiz** do choque, **eu** que já **tinha me** acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem”; etc.

Em relação à letra *b*, o espaço em que a história se dá, os fatos ocorrem num órgão público – o DETRAN (Departamento de Transporte). Já o tempo de duração, letra *c*, apesar de não haver marcação temporal, é possível se deduzir que os fatos acontecem em um período de aproximadamente um turno – da manhã ou da tarde.

Como resposta para a letra *d*, a personagem central é justamente o senhor de idade que se encontra na fila. Suas características mais evidentes seriam: um senhor, de aparência idosa, inconformado por acharem que sua idade transparece independente de comprovação documental, com eventuais falhas de memória. É relevante salientar para a turma que tais características estão na superfície do texto e são percebidas através do relato da própria personagem no decorrer de toda a crônica.

O conflito da história, por fim, na letra *d*, é a situação que o narrador passa ao ser considerado um idoso, mas não se sente como tal.

Questão 3

Habilidade trabalhada

Distinguir texto ficcional de não-ficcional; fato e opinião.

A construção de uma narrativa pode se estruturar de modo ficcional ou não ficcional. Os textos não ficcionais baseiam-se na realidade, ao passo que os ficcionais têm por pano de fundo um mundo inventado, onde os acontecimentos ocorrem conforme o enredo da história.

Com base nas informações anteriores, que elementos presentes no texto podem identificá-lo como não ficcional?

Resposta comentada

No texto, há elementos claramente não ficcionais, já que se narram fatos ocorridos com o próprio autor – Zuenir Ventura. Primeiramente, o autor faz referência ao jornal em que trabalha, à seção de cartas do leitor, a repórteres que poderiam se infiltrar no Detran, para atestar o bom atendimento que lá se recebe.

O aluno poderá perceber isso, também, quando são citados nomes de personalidades conhecidas e reais, tais como Fernando Henrique, Ferreira Gullar etc. que poderiam ser personagens de textos ficcionais também, mas que ali estariam para garantir a veracidade dos fatos, e não simplesmente atestar uma verossimilhança, a partir da qual se construiria o enredo – algo típico de textos não ficcionais.

Questão 4

Habilidade trabalhada

Distinguir texto ficcional de não-ficcional; fato e opinião.

Apesar de as crônicas serem tratadas, na maior parte das vezes, como textos essencialmente narrativos, esse gênero não se limita apenas à construção de uma história. O autor sempre apresenta seu ponto de vista sobre determinado acontecimento do cotidiano que esteja narrando. Ou seja, na crônica, o autor se vale de um fato, mas, na verdade, acaba por construir uma opinião a partir desse evento.

Em seu texto, Zuenir Ventura apresenta um fato do cotidiano – no qual ele é personagem central – e também faz comentários sobre a situação pela qual passou. Sendo assim, separe em duas colunas o que é fato e o que é opinião na crônica lida.

Resposta comentada

Alguns fatos que podem ser elencados pelo aluno nesta resposta são os seguintes: confusão na porta do Detran; policial abrindo caminho na fila; pessoa esperando a vez no posto da Gávea; ida à Avenida Presidente Vargas pegar a carteira; a atendente da mesa de informações aponta para os balcões 15 e 16; etc.

Já em relação às opiniões presentes no texto, algumas passagens que podem ser citadas para esta resposta são: “o senhor aqui é idoso”; “tudo começava bem”; “não achou que iria ser tão cedo chamado de ‘idoso’”; “ele não é idoso”; “eu não mereço”; “ninguém lhe dá isso”; “o senhor não tem mais de 65, não é idoso?”; etc.

Ao longo desta atividade, é importante enfatizar para o aluno que **fato** é algo cuja existência independe de quem escreve; e **opinião** é a apreensão de conceitos e valores a partir de algo pré-existente, ou seja, é a maneira pessoal de ver o fato.





Atividade de uso da língua

Questão 5

Habilidade trabalhada

Reconhecer e usar adequadamente a paragrafação e a pontuação.

Por meio da pontuação, procuramos reconstituir o movimento da elocução oral, já que a língua escrita² “não dispõe dos inúmeros recursos rítmicos e melódicos da língua falada”. Para isso, utilizamos um conjunto de sinais que, além da marcação de pausas, poderão indicar o término de um período, o início de uma fala de personagem, intercalação de informações, dentre outras funções.

No Texto Gerador I, pode-se observar o uso de aspas em algumas passagens apresentadas no quadro em seguida. Qual a função das aspas em cada uma delas?

“O senhor aqui é idoso” (linha 1)

(...) o “idoso” que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu. (linha 16).

Resposta comentada

No primeiro enunciado, o uso de aspas indica a transcrição da fala de um personagem – no caso, a atendente do Detran. É interessante reforçar para o aluno, nesta resposta, que não somente o uso de aspas pode indicar essa transcrição, mas também a utilização de travessões pode ser utilizado para este fim.

² CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.p.643

No segundo enunciado, a função das aspas é **realçar** a palavra “idoso”, já que, de acordo com o texto, até aquele momento não sabíamos exatamente quem era a personagem a que o texto se referia. É válido ressaltar que, em outras passagens do texto, ocorre a utilização das aspas com este mesmo objetivo, como em: (...) *apontando com o dedo o tal “senhor”*. (linha 2/3); (...) *quando em crise se entra pela primeira vez nos “enta”* (linha 19/20), entre outros.

Questão 6

Habilidade trabalhada

Identificar os usos dos discursos direto e indireto

Na construção de uma narrativa, os fatos giram em torno de personagens e são conduzidos por um narrador – que pode ser personagem da história ou não. A forma como esse narrador apresenta as informações varia, conforme a intencionalidade empreendida. A apresentação das falas, por exemplo, pode se dar de maneira direta – em que as personagens falam por si mesmas – ou indireta – em que o narrador se apropria da fala dessas personagens. No texto lido, a maior parte dessas falas estão marcadas por aspas. Entretanto, há um trecho em que se utiliza o travessão para identificar o discurso direto. Por que motivo o autor optou pelo uso do travessão no trecho e aspas no resto da crônica para a representação do discurso direto?

Resposta comentada

Quando trabalhar com seu aluno a resposta desta questão, é relevante comentar que, no plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado pela presença dos chamados verbos de *dicendi* (de dizer). Na falta deles, cabe ao contexto e a recursos gráficos a função de indicar as falas.³ Assim, a representação das falas de uma personagem pode ser feita tanto por aspas como por travessões. As aspas são utilizadas, normalmente, para a marcação de falas isoladas dentro do texto, descoladas de um discurso dialogado. Já o travessão aparecerá na maior parte das vezes em diálogos.

No texto de Zuenir Ventura, observa-se que na maioria das vezes as falas que aparecem estão isoladas, são representações de pensamentos até. Quando aparece o uso de um travessão, fica claro que se trata de um potencial diálogo, já que o autor estaria respondendo a uma pergunta feita anteriormente, o que desencadearia uma conversa – apesar de não ter sido o caso.

³ CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Questão 7

Habilidade trabalhada

Identificar os usos dos discursos direto e indireto

Na escrita, o autor dispõe somente do léxico e dos sinais de pontuação para recriar uma situação de fala. Ao relatar uma fala, por exemplo, os verbos que estão no presente vão geralmente para o pretérito. Além disso, as expressões de tempo e lugar são indicadas a partir do ponto de vista do narrador, como o advérbio *aqui*, no discurso direto, que passa a *ali* ou *lá*, no discurso indireto.

Considerando as mudanças que podem ocorrer na transição de um tipo de discurso a outro, reescreva o trecho do quadro em discurso indireto.

– Não, sou gestante – tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: “não tenho mais, tenho só 65 anos”.

Resposta comentada

Nesta resposta, lembre-se de apresentar as possíveis mudanças que podem ocorrer na transição do discurso direto para o indireto: verbos no presente do indicativo passam para o pretérito imperfeito do indicativo; verbos no pretérito perfeito do indicativo passam para o mais-que-perfeito; verbos no futuro do presente passam para o futuro do pretérito; verbos no presente do subjuntivo e no imperativo passam ao imperfeito do subjuntivo; advérbios e pronomes com referência próxima à primeira pessoa passam para a terceira e assim por diante.

O trecho poderia ser reescrito da seguinte forma:

“Ele teve vontade de responder que não era gestante, mas tinha percebido que não carregava nenhum sinal aparente de que tivesse amamentado ou estivesse prestes a amamentar alguém. Saiu resmungando que não tinha mais, tinha só 65 anos.”



Texto Gerador 2

O Texto Gerador II é uma crônica de Lima Barreto. Trata-se de um texto argumentativo – uma crônica-comentário, segundo Antônio Candido⁴ –, configurando um contraponto à crônica de Zuenir Ventura, essencialmente narrativa. A partir deste texto, seguem questões de Leitura, Uso da Língua e Produção Textual, em que se explora essa característica.



Elogio da morte

Lima Barreto

Não sei quem foi que disse que a Vida é feita pela Morte. É a destruição contínua e perene que faz a vida.

A esse respeito, porém, eu quero crer que a Morte mereça maiores encômios⁵.

É ela que faz todas as consolações das nossas desgraças; é dela que nós esperamos a nossa redenção; é ela a quem todos os infelizes pedem socorro e esquecimento.

Gosto da Morte porque ela é o aniquilamento de todos nós; gosto da Morte porque ela nos sagra. Em vida, todos nós só somos conhecidos pela calúnia e maledicência, mas, depois que Ela nos leva, nós somos conhecidos (a repetição é a melhor figura de retórica), pelas nossas boas qualidades.

É inútil estar vivendo, para ser dependente dos outros; é inútil estar vivendo para sofrer os vexames que não merecemos.

A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando, porém, não se pode conseguir isso, a Morte é que deve vir em nosso socorro.

⁴ Sobre as características da crônica, ver conceitos nas Orientações Pedagógicas.

⁵ Elogios.

A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros ou salários nós pareceres. Não há, entre nós, campo para as grandes batalhas de espírito e inteligência. Tudo aqui é feito com o dinheiro e os títulos. A agitação de uma idéia não repercute na massa e quando esta sabe que se trata de contrariar uma pessoa poderosa, trata o agitador de louco.

Estou cansado de dizer que os malucos foram os reformadores do mundo.

Le Bon dizia isto a propósito de Maomé, nas suas *Civilisation des arabes*, com toda a razão; e não há chanceler falsificado e secretária catita que o possa contestar.

São eles os heróis; são eles os reformadores; são eles os iludidos; são eles que trazem as grandes idéias, para melhoria das condições da existência da nossa triste Humanidade.

Nunca foram os homens de bom senso, os honestos burgueses ali da esquina ou das secretárias chics que fizeram as grandes reformas no mundo.

Todas elas têm sido feitas por homens, e, às vezes mesmo mulheres, tidos por doidos.

A divisa deles consiste em não ser panurgianos e seguir a opinião de todos, por isso mesmo podem ver mais longe do que os outros.

Se nós tivéssemos sempre a opinião da maioria, estaríamos ainda no Cro-Magnon e não teríamos saído das cavernas.

O que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana.

Entretanto, no Brasil, não se quer isto. Procura-se abafar as opiniões, para só deixar em campo os desejos dos poderosos e prepotentes.

Os órgãos de publicidade, por onde se podiam elas revelar, são fechados e não aceitam nada que os possa lesar.

Dessa forma, quem, como eu, nasceu pobre e não quer ceder uma linha da sua independência de espírito e inteligência, só tem que fazer elogios à Morte.

Ela é a grande libertadora que não recusa os seus benefícios a quem lhe pede. Ela nos resgata e nos leva à luz de Deus.

Sendo assim, eu a sagro, antes que ela me sagre na minha pobreza, na minha infelicidade, na minha desgraça e na minha honestidade.

Ao vencedor, as batatas!

Marginália, 19-10-1918



Atividade de leitura

Questão 8:

Habilidade trabalhada

Distinguir texto ficcional e não-ficcional; fato e opinião.

A crônica *Elogio da Morte*, de Lima Barreto, não apresenta as mesmas características de *Um idoso na fila do Detran*, de Zuenir Ventura, uma vez que esta é predominantemente narrativa, enquanto aquela é argumentativa, podendo ser tratada como uma crônica-comentário. No primeiro texto, vemos um fato que se desenrola em determinado tempo e espaço, por meio da interação de personagens. Em *Elogio da Morte*, em vez disso, discute-se sobre um tema, sem que haja encadeamento de fatos, ordenadas ou não. No texto, há informações sobre a morte que podem ser consideradas fato, entretanto há outras informações que se caracterizam como opinião do autor. Identifique, assim, uma informação que se caracterize como factual e outra em que se expresse o ponto de vista do autor.

Resposta comentada

Antes de responder à questão propriamente dita cabe comentar novamente sobre a diferença entre fato e opinião. O texto é majoritariamente argumentativo, entretanto há trechos em que o autor se utiliza de informações factuais para, a partir delas, desenvolver seus argumentos. Um fato que se poderia destacar estaria no trecho “Não sei quem foi que disse que a Vida é feita pela Morte..”, já que se refere a algo dito por alguém em determinado momento e lugar. Aqui, o fato está no ato de dizer algo.

No parágrafo seguinte, conseguimos identificar o ponto de vista do autor na construção “É inútil estar vivendo, para ser dependente dos outros; é inútil estar vivendo para sofrer os vexames que não merecemos.”

Com esses dois excertos, consegue-se estabelecer uma distinção entre fato e opinião. Pode-se acrescentar outros argumentos presentes no texto, conforme o encaminhamento que se tome na discussão com a turma. Já que se trata de uma crônica-comentário, são vários os trechos que se poderia destacar para demonstrar o ponto de vista do autor – ao passo que se encontrarão menos fatos.



Atividade de uso da língua

Questão 9

Habilidade trabalhada

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.

Podemos perceber que o Texto Gerador II é exemplo de crônica argumentativa, em que o narrador, por meio de inferências, procura defender a ideia de que a morte é mais importante que a vida. O desenvolvimento de seu ponto de vista se constrói com o auxílio das conjunções coordenativas, que são responsáveis por estabelecer as relações lógicas num texto, tais como adição, alternância, adversidade/oposição, explicação e conclusão.

Observe a passagem do quadro em seguida. Justifique o emprego da conjunção coordenativa adversativa nesse segundo parágrafo e explique a importância dessa passagem no texto.

“A esse respeito, *porém*, eu quero crer que a Morte mereça maiores encômios⁶”.

Resposta Comentada

As conjunções, como conectores do tipo lógico que são, estabelecem coesão sequencial entre orações, períodos e até mesmo parágrafos. Assim, o primeiro papel da conjunção adversativa *porém*, no trecho, é o de estabelecer esse vínculo com o que é dito no primeiro parágrafo. Entretanto, a esse vínculo vem somada a ideia de oposição presente na significação do conector.

No trecho final do primeiro parágrafo, “É a destruição contínua e perene que faz a vida”, utilizado pelo autor como uma espécie de argumento de sentidos comum, a palavra destruição adiciona uma carga pejorativa para o significado da palavra morte. Por conta disso, o autor, no parágrafo seguinte, utiliza-se de outra expressão – *ecômios* – que tirará o peso de destruição e servirá como fio condutor de seu raciocínio no decorrer do texto. Como as palavras pertencem a campos semânticos distintos, utiliza-se o *porém* para marcar essa distinção – e quase oposição – ali presente.

Questão 10

Habilidade trabalhada

Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

⁶ Elogios.

O emprego das conjunções possibilita-nos criar efeitos de sentido nos enunciados de acordo com nossas intenções. Podemos alterar o sentido de um enunciado, a partir da mudança de uma conjunção, mesmo mantendo o restante das informações.

Com base nessa explicação, faça o que se pede, reescreva o trecho a seguir, de modo que a ideia de conclusão expressa pela conjunção se transforme em explicação, fazendo as alterações necessárias.

“A divisa deles consiste em não ser panurgianos e seguir a opinião de todos, *por isso* mesmo podem ver mais longe do que os outros.”

Resposta Comentada

É importante que se discuta com os alunos sobre a relação de causalidade que, segundo Azeredo (2000:224)⁷, os conectivos desse grupo devem ser observados de maneira conjunta – os de causa (causais e condicionais); e os de consequência (finais e consecutivos). Sendo assim, as relações cobradas na questão ficarão mais claras para os alunos que poderão enxergar o processo sob mais de um viés.

A resposta, então, seria “Podem ver mais longe *porque* a divisa deles consiste em não ser panurgianos e seguir a opinião de todos.”



Atividade de proteção textual

Questão 11:

Habilidade trabalhada

Planejar e produzir um texto narrativo curto dos gêneros estudados.

⁷ AZEREDO, J.C. Fundamentos de gramática de português. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Como já vimos, uma narrativa é construída a partir de cinco elementos principais, que retomamos, abaixo:

1. Enredo (o que contamos e com qual sequência).
2. Personagens (quem participa e faz parte da história).
3. Tempo (quando acontece a história).
4. Espaço (onde ou em que lugar acontece a história).
5. Narrador (quem conta a história –narrador-personagem ou narrador-observador).

Tendo por base o texto de Zuenir Ventura, *Um idoso na fila do DETRAN*, e escolhendo uma das opções abaixo, crie uma crônica narrativa, curta e bem humorada (a atividade deverá ser feita em dupla). Nas opções abaixo, fornecemos três elementos: o narrador, o enredo e o espaço. Vocês escolhem os demais elementos (personagens e tempo), usando a imaginação e conhecimentos de leitura e escrita. Escrevam o texto em parágrafos, com início, meio e fim e lhe atribuam um título. Escrevam em torno de 15 linhas.

Opção 1: Narrador de primeira pessoa. Enredo: uma conversa em uma fila de banco.

Opção 2: Narrador de terceira pessoa. Enredo: uma conversa na fila do cinema.

Resposta comentada

A questão propõe ao aluno um contato com os elementos básicos do texto narrativo e possibilita a sua familiaridade com eles ao propor uma atividade que envolve o uso, ou a aplicação dos elementos em um texto de autoria dos alunos. Além disso, a questão permite ao aluno o uso da imaginação e criatividade ao narrar.

Procure falar para seus alunos sobre a importância dos personagens em uma história, pois são eles que irão viver os acontecimentos dela. Nesse sentido, explicita que, caso escolham um narrador-personagem, o mesmo, além de contar, participará, e até mesmo, poderá ser protagonista da história.

Tente explicar que o protagonista é um personagem de destaque ou o mais importante da narrativa, ao passo que o antagonista consiste em uma espécie de vilão da história.

Lembre aos alunos que, por ser a crônica um texto curto, a história deve ter poucos personagens, de dois a três, por exemplo. Lembre também que, quando lemos uma história, ela se presentifica, parecendo que está acontecendo naquele momento, porém as histórias podem contar algo que já aconteceu, algo que está acontecendo no momento presente, ou, ainda, contar algo que acontece ou acontecerá no futuro. E há marcas ou pistas temporais que podemos deixar no texto quando narramos que irão identificar em que momento a história acontece. Por exemplo, o uso de um advérbio de tempo, como em “*Ontem*, ela estava descansando...”, ou, “*Amanhã* ela sairá cedo de casa.”, é uma forma possível de indicar o tempo em que algo acontece e, logo, indicar também o tempo da história.

Oriento o desenvolvimento da atividade, esclarecendo dúvidas e estimulando a produção escrita dos alunos. Peça-lhes que rascunhem suas ideias e escrevam o texto a lápis, pois assim fica mais fácil a reescrita, correções e mudanças textuais. Planeje um tempo para a leitura da produção textual feita pelos alunos, busque comentar e orientar o texto apresentado, dando um retorno da atividade proposta aos alunos, assim como busque o compartilhamento do que foi escrito entre os alunos, pois isto estimula a prática da produção escrita entre eles.

